

Grupo de Referência em CAPS IJ: Estratégia territorial para a inclusão social

As ofertas de grupo contribuem para as trocas de experiências e são ferramentas amplamente reconhecidas e valorizadas para o cuidado em saúde mental. A partir do cuidado de usuários do CAPS IJ que residem em território periférico, em que as famílias levam aproximadamente duas horas para chegar até o serviço de saúde, sendo a maioria usuária do transporte público, foi necessária a reflexão a partir de algumas perguntas-chave: Quais são formas estratégicas de aproximação dos usuários e familiares que residem neste território? Como essas pessoas vivenciam o território? Como o cuidado em saúde mental se articula com este território? Quais são as melhores formas de aproximação das profissionais do CAPS IJ deste território? Como pensar em ofertas de cuidado que considerem a rotina e a vida das pessoas? Como desenvolver ferramentas de trabalho que de fato dialoguem com as necessidades dessa população? Qual é o cuidado que as pessoas que vivem neste território e acessam o CAPS IJ esperam receber? Qual o conhecimento que essa população possui a respeito do próprio território em que vivem? Como (e se) essa população utiliza os recursos que o território oferece? A população residente neste território conhece as ofertas do próprio território?

A partir da consideração da necessidade de refletir sobre ofertas possíveis e que tenham sentido para o usuário do serviço de saúde, e do atendimento a um público residente em território distante e de difícil acesso, foi então planejado o início de um grupo de referência para os usuários residentes neste território. Inicialmente, para o planejamento do grupo, estes usuários foram divididos considerando as etapas de desenvolvimento (crianças x adolescentes) e também períodos em que estudam atualmente (manhã x tarde x noturno x integral x vespertino/noturno). Somente após realizado este mapeamento, que possibilitou visualizar aspectos gerais da rotina de cada um dos usuários, foi possível detectar a inviabilidade de grupos que fizessem a divisão: fase de desenvolvimento e período na escola. A partir disso, a proposta foi ampliada, considerando a seguinte reflexão: Por que não realizar um primeiro encontro em que todos, usuários e familiares atendidos no CAPS IJ que residem neste território, possam ser convidados a refletir sobre as perguntas iniciais elencadas pelas profissionais do CAPS IJ? Em resumo: Quais as possibilidades de construção coletiva de cuidado que os usuários e familiares do serviço de saúde mental esperam receber a partir do território em que residem?

A partir desta proposta, foram elaborados convites virtuais, os quais foram disparados para todos os usuários e familiares. No primeiro encontro, realizado em uma sala do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) do território, compareceram: 2 irmãos (sendo uma criança e uma jovem adulta), 2 usuários do CAPS IJ (adolescentes) e 2 mães. Neste encontro, foi explicado sobre a proposta de pensar em ofertas de cuidado que dialoguem com aquilo que as famílias e usuários esperam receber, valendo-se da escuta destes participantes. Os participantes contribuíram com a reflexão a respeito do que conhecem em relação

ao próprio território em que residem, sugerindo espaços em que encontros poderiam ser realizados. Foi possível observar trocas geracionais, como no momento em que um adolescente diz para a mãe de outro adolescente: “Mas aí a senhora se esquece que ele é adolescente! Aí eu também discordo da senhora!” Fala esta que possibilitou a reflexão da mãe a respeito da sua própria história de vida, resgatando quem foi ela enquanto adolescente e quais as formas que os próprios pais utilizavam para enfrentar alguns dos desafios que ela enxergava vivenciar hoje com o próprio filho, buscando construir estratégias de enfrentamento e manejo diferentes daquelas utilizada pelos seus pais. O grupo sugeriu a frequência dos encontros mensal, considerando as rotinas diversas de cada um e a manutenção de outras ações de acordo com cada projeto terapêutico singular. Além disso, foi sugerido também a utilização de diferentes materiais, como a sugestão de fazer um encontro a partir da produção artística (com papel, tintas) entre as diferentes gerações. Ao final do primeiro encontro, o grupo escolheu um local para o segundo encontro.

No segundo encontro, o grupo ocorreu em um parque que havia sido recém-inaugurado, chamado Parque Naturalizado, também localizado no território. Estiveram presentes 3 mães e 4 adolescentes. Somente dois participantes haviam estado no grupo anterior. O grupo sentou-se no chão e em bancos dispostos em um quiosque e foram servidos lanches. Foram discutidos temas como violência e formas de educar. Uma das mães contou sobre sua experiência com o pai, que não gostava que ela socializasse com outras pessoas, relatando ainda ser muito protetora com as filhas. A mesma mãe relatou que sempre morou no bairro, mas nunca havia ido a um parque. Outra mãe falou então a respeito da importância da liberdade e da autonomia no desenvolvimento dos filhos, convidando a outra mãe a ir até a sua casa em um domingo, tomarem um café e retornarem ao parque juntamente com os filhos. O grupo também falou sobre os sonhos, em que cada participante contou sobre um sonho que possui. Os sonhos relatados envolviam abrir um novo negócio, conhecer novos lugares e poder brincar mais. Após, todos brincaram no parque, em espaço que esguicha água. Uma das mães demonstrou muita timidez e aceitou brincar somente depois de ser incentivada e acompanhada por uma das profissionais.

O terceiro encontro ocorreu em um parque em região mais central, a partir de combinado no segundo grupo. Compareceram 14 usuários e familiares, sendo: 5 mães e 9 crianças. Destas, havia uma família composta por 1 mãe e as quatro filhas. Com exceção de uma mãe e um filho, todos eles se encontraram no CAPS IJ antes do grupo, para pegar o transporte (van) até o parque. Para tornar este encontro viável, devido às complexidades de acesso do território, incluindo tempo de deslocamento território-caps, todas as famílias que se encontraram no CAPS almoçaram no serviço. No parque, foi realizado um piquenique, em que uma das mães produziu um bolo para compartilhar com o grupo. Todas as famílias, crianças e também as profissionais se envolveram nas atividades do parque, que também dispunha de água para que todos brincassem e se molhassem. Adultos e crianças puderam brincar juntos. Neste encontro, foi falado sobre o passeio que estava sendo programado para a praia. Algumas das participantes relataram que nunca

conheceram o mar e pediram para incluir alguns de seus outros filhos, os quais não são usuários do CAPS IJ.

Neste sentido, a construção do grupo ocorre a partir de uma perspectiva “porta aberta”, que incluía usuários e familiares, mas de acordo com as necessidades dos participantes. O grupo tem possibilitado a promoção do acesso ao cuidado e também à ampliação da circulação pelo território e o fortalecimento das redes de apoio. Aspectos como direito à cidade, do ir e vir, e do acesso à cultura e lazer tem sido discutidos e, principalmente, vivenciados. Neste sentido, trocas de afeto tem permitido que as famílias e os diferentes grupos geracionais possam experimentar a ampliação de suas redes de suporte e de formas de estar no mundo.

Espera-se que o grupo possa ser fortalecido e que as experiências possam ser ampliadas, a partir da circulação por outros espaços que ainda não puderam ser sonhados. Espera-se que seja possível sustentar a escuta de cada participante, para que os sonhos e desejos de cada participante possam elucidar outras experiências possíveis. Ainda, pretende-se ampliar a oferta do grupo para outros participantes além - caps, como os profissionais da unidade de acolhimento infantojuvenil do Município de Jundiaí, agentes comunitários de saúde e profissionais das equipes multidisciplinares atuantes nas Unidades Básicas de Saúde. A partir dos encontros do grupo de referência, espera-se que possa ser possível a co-construção de um serviço mais próximo do território e mais sensível à escuta das necessidades das pessoas atendidas. E, ainda que vínculos possam ser criados e fortalecidos e que possam se sentir pertencentes do território em que vivem, não só a partir da circulação por estes espaços, mas também por sugestões daquilo que sonham e esperam vivenciar. Espera-se também que redes de apoio possam ser fortalecidas e que a compreensão sobre o cuidado em saúde mental possa ser ampliado para perspectivas menos biologizantes, entendendo a potência de acesso à cultura, esporte e lazer como ações de cuidado em saúde mental.

Neste sentido, os usuários de serviços de saúde mental e familiares podem e devem ser considerados como sujeitos construtores das mudanças que desejam que ocorra. Sujeitos desejantes e que são potentes para construir acessos e mudanças. Usuários e familiares devem ser vistos para além de suas fragilidades e daquilo que falta, mas como sujeitos vívidos que possuem conhecimentos e experiências a respeito do mundo em que vivem, tendo também expectativas e sonhos a realizar. Compreende-se que a experiência do grupo de referência agregador de usuários e familiares a partir do território contribui para a construção de práticas dotadas de sentido e significado.

Alguns desafios e questionamentos seguem até o momento e mobilizam o movimento e a construção do grupo: Como dar sustentabilidade ao projeto, a partir da organização das diferentes demandas do CAPS IJ? Quais outras ações que o grupo pode sonhar e realizar conjuntamente?